



Centro de Estudos e Investigação Científica  
Universidade Católica de Angola

**SEGUNDO RELATÓRIO SOBRE AS RELAÇÕES CHINA-ANGOLA À LUZ DAS 8  
INICIATIVAS PROPOSTAS NA CIMEIRA DE BEIJING DO FÓRUM PARA A  
COOPERAÇÃO CHINA-ÁFRICA (FOCAC 2018)**

**Janeiro de 2020**

**SEGUNDO RELATÓRIO SOBRE AS RELAÇÕES CHINA-ANGOLA À LUZ DAS 8  
INICIATIVAS PROPOSTAS NA CIMEIRA DE BEIJING DO FÓRUM PARA A  
COOPERAÇÃO CHINA-ÁFRICA (FOCAC 2018)**

*Solicitado pela EMBAIXADA DA CHINA EM ANGOLA*

## Índice

1.- Quais as perspectivas de crescimento da economia chinesa para o segundo decénio do século XXI? .....	3
2. Um olhar às Relações Comerciais entre Angola e China.....	5
Um caso de sucesso de investimento privado chinês na Agricultura no Huambo.....	8
Um caso de sucesso de investimento privado chinês Guangde International Group .....	11
3.- Breve descrição da Cimeira China-África .....	13
4.- Acompanhamento da implementação das 8 iniciativas .....	14
1. Promoção industrial e agrícola.....	14
2. Conectividade de infra-estruturas .....	15
3. Facilitação do Comércio .....	16
4. Desenvolvimento verde ou ecológico.....	17
5. Capacitação de quadros e técnicos.....	17
6. Cuidados de saúde .....	17
7. Intercâmbio entre pessoas (interacção do povo chinês e africano por meio da cultura, desporto e ciência).....	17
8. Paz e Segurança.....	18
Financiamento.....	18
5.- Principais eixos do Plano de Desenvolvimento Nacional e Relação entre as iniciativas .....	18
6.- Conclusões e recomendações.....	19
6.1. Conclusões da análise das 8 iniciativas .....	19
6.2 Recomendações Gerais .....	19

## **1.- Quais as perspectivas de crescimento da economia chinesa para o segundo decénio do século XXI?**

Segundo diferentes estudos sobre a segunda maior economia do mundo, o crescimento económico deste país não mais vai ser como no passado, com mais de 30 anos de crescimento médio anual acima de 10%, aproveitados para modernizar as infraestruturas, constituir capital humano de qualidade, diminuir substancialmente a pobreza (o IDH é de 0,758 e rendimento nacional bruto por habitante de USD 16127, colocando-se a China no grupo de elevado desenvolvimento humano das Nações Unidas<sup>1</sup>), promover o desenvolvimento tecnológico, internacionalizar a sua produção, investir no exterior, criar uma estrutura produtiva interna competitiva, diversificar as exportações, avançar na investigação fundamental e aplicada e criar uma classe média de elevado padrão de rendimento (com a função social de garantir a reprodução alargada do sistema económico, aumentar a poupança, participar na economia financeira mundial, promover as parcerias internacionais o que a tornou num dos esteios mais dinâmicos dos processos sociais internos de transformação de mentalidades e comportamentos).

Com uma base económica e produtiva muito diferente da existente há 60 anos atrás (taxas médias anuais de crescimento do PIB de 10% duplicaram o seu valor a cada dez anos, ou, de outra forma, em 60 anos o valor agregado total aumentou mais de 304 vezes) é natural que a sua velocidade de crescimento se atenuar para os próximos anos, a serem utilizados para aprofundar a revolução tecnológica e ganhar novos mercados e parceiros, com vista a recuperar maiores dinâmicas de crescimento. As estimativas de crescimento do PIB para 2019 apontam para 5,8%, não havendo nenhuma economia do xadrez mundial que apresente esta taxa, continuando a ser a China a economia que mais cresce no mundo. Segundo as projecções do Fundo Monetário Internacional<sup>2</sup>, até 2024 a taxa média anual estará na vizinhança de 5,4%, mantendo a economia chinesa o estatuto de maior dinamismo na variação dos seus outputs<sup>3</sup>.

Esta atenuação nas suas dinâmicas de crescimento derivam do facto de a economia estar num processo de transição global para um modelo menos intensivo em investimento infraestrutural, dívida pública e empresarial, substituindo-o por outro com maior intensidade de capital humano, tecnológico, empresarial e de investigação.

As cassandras que apontam para a possibilidade de um abrandamento do crescimento chinês até 2024 (para além do já citado) são os seguintes:

- a) O espectro do fenómeno que os economistas apelidam de armadilha do rendimento médio: agora que a China já não é pobre, a variação

---

<sup>1</sup> UNDP – Human Development Report, 2019.

<sup>2</sup> IMF – World Economic Outlook, October, 2019.

<sup>3</sup> Entretanto, o Banco Mundial (Global Economic Prospects, June 2019) avança com estimativas mais optimistas: 6,2% para 2019, 6,1% para 2020 e 6% para 2021.

marginal do rendimento médio tenderá a diminuir, com efeitos sobre a poupança e o investimento.

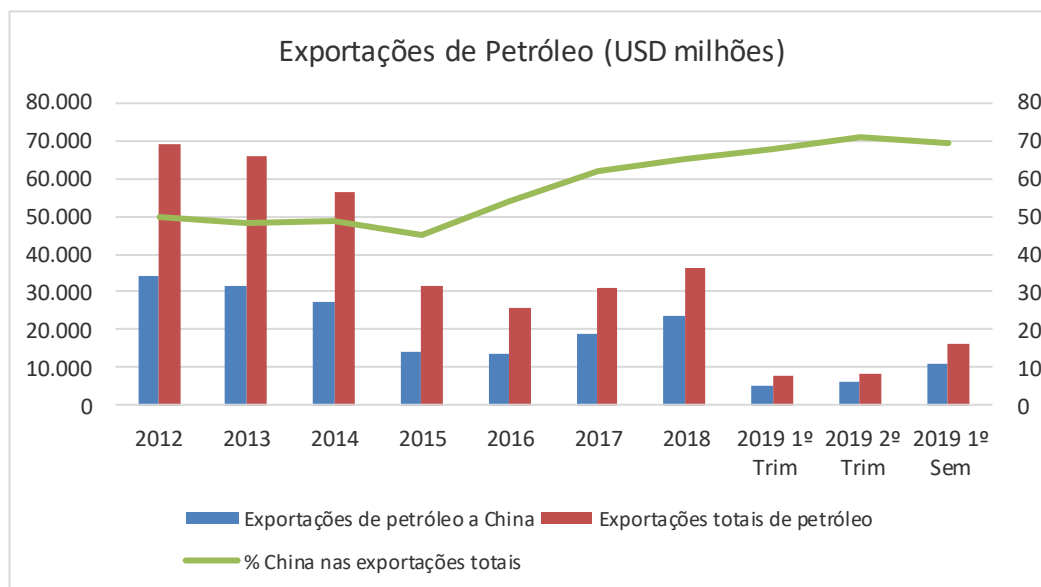
- b) O pesado endividamento do sector empresarial que pode transformar-se num processo de encerramento de empresas.
- c) O envelhecimento da população (a esperança média de vida na China tem vindo a aumentar, colocando-se, em 2019, em 76,7 anos) a requerer transferência de rendimento dos investimentos fabris para os serviços sociais.
- d) A “guerra” comercial China-Estados Unidos continua a ter fortes impactos sobre os crescimentos actuais e sobre as expectativas futuras e está longe de terminar. O que está por concluir é uma primeira fase das possíveis tréguas futuras.

As relações China-África continuam a ser encaradas, pelos dirigentes africanos, como de futuro (trata-se da segunda maior economia mundial, com as mais elevadas taxas de crescimento do Produto e processos de investigação tecnológica que têm colocado o país nas linhas da frente da tecnologia mundial), não havendo nenhum país europeu dos 27 da União Europeia capaz de disputar apoios financeiros aos oferecidos pela China, havendo ainda, como adicional, os investimentos produtivos que as empresas chinesas efectivam actualmente na maior parte dos países do continente. Em Angola, o empresariado chinês está em vários sectores industriais e agrícolas (como o caso do Guangde International Group e a Jiangzhou Agriculture, Lda ), havendo a expectativa de mais investimentos, desde que algumas barreiras à entrada sejam removidas como a criminalidade violenta contra alguns empresários chinesas no país .

O modelo chinês de desenvolvimento continua a ser atractivo para os dirigentes africanos, havendo necessidade de o conhecer melhor, para o que os Fóruns China-África têm sido alguns dos veículos dessa transmissão de experiências.

## 2. Um olhar às Relações Comerciais entre Angola e China

Angola é uma economia bastante aberta ao comércio internacional em virtude do volume das suas exportações e importações, que somados, representam mais de 50%<sup>4</sup> do Produto Interno Bruto (PIB). Como é sabido, o principal produto de exportação do país é o petróleo bruto que representa 96% do total das exportações, seguido dos diamantes que pesam em média 3%.



Fonte: BNA

A República Popular da China tem sido nos últimos treze anos o destino principal das exportações de petróleo bruto de Angola, tornando-se assim o maior parceiro comercial do país.

No gráfico acima é possível observar o aumento da percentagem de petróleo que é exportado para este gigante asiático. Em 2012 dos USD 68,8 mil milhões de exportações de petróleo, 49,6% foi para a China. Mesmo com a diminuição das exportações totais, devido à baixa de preços do petróleo, a percentagem que vai para a China continua a aumentar sendo em 2018 de 65% e no primeiro semestre de 2019 de 69%<sup>5</sup>, que em termos monetários representa cerca de USD 16 mil milhões.

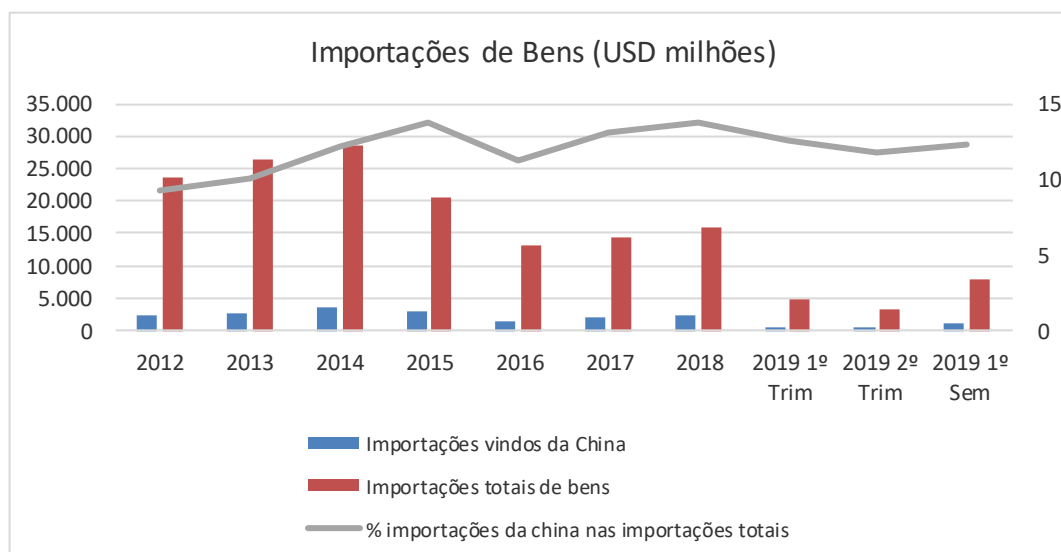
Quanto às importações a República Popular da China tem sido nos últimos anos um dos principais fornecedores de bens a Angola. No top 10 tem ocupado os três primeiros lugares, despontando com Portugal e Singapura. Por exemplo, em 2012 ocupou o terceiro lugar (9%), depois de Portugal (16%) e de Singapura (11%). Em 2015 e 2018 foi o principal fornecedor de bens (14%), ficando Portugal em segundo lugar (13%).

No primeiro semestre de 2019 a China foi o segundo fornecedor de bens avaliados em USD 961,7 milhões (que representam 12% das importações totais) depois da França

<sup>4</sup> Cf CEIC-UCAN (2019) Relatório Económico de Angola 2018 Página 76

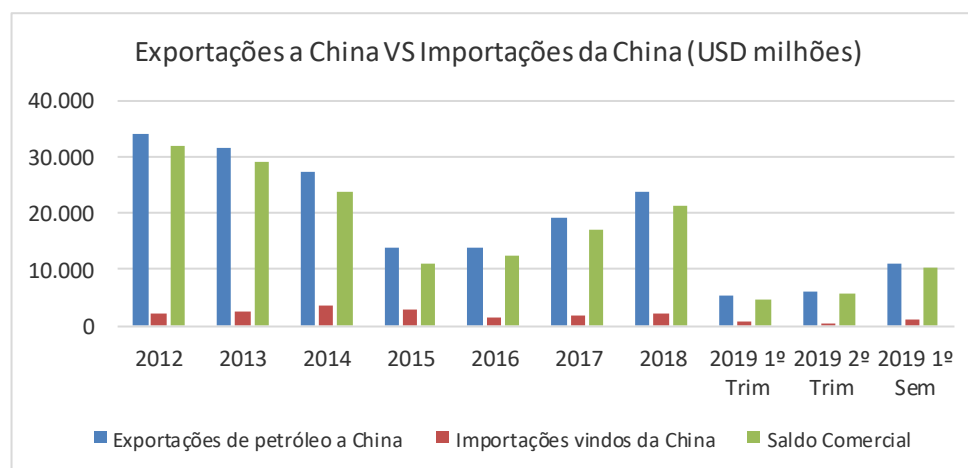
<sup>5</sup> A China é o destino principal das exportações petrolíferas angolanas em grande parte devido aos empréstimos que têm como garantia o petróleo.

(23%), que pela primeira vez aparece a liderar. Como se pode observar no gráfico acima, em média 12% das importações de bens de Angola vêm da China.



Fonte: BNA

Confrontando o volume das exportações de Angola para a China com o volume das exportações da China para Angola (que representam as importações de Angola provenientes da China) o que dá o saldo comercial entre os dois países, nota-se que o mesmo é positivo a favor de Angola em cerca de USD 21 mil milhões em 2018 e USD 10 mil milhões no primeiro semestre de 2019, conforme mostra o gráfico abaixo.



Fonte: BNA e cálculo dos autores (Saldo comercial)

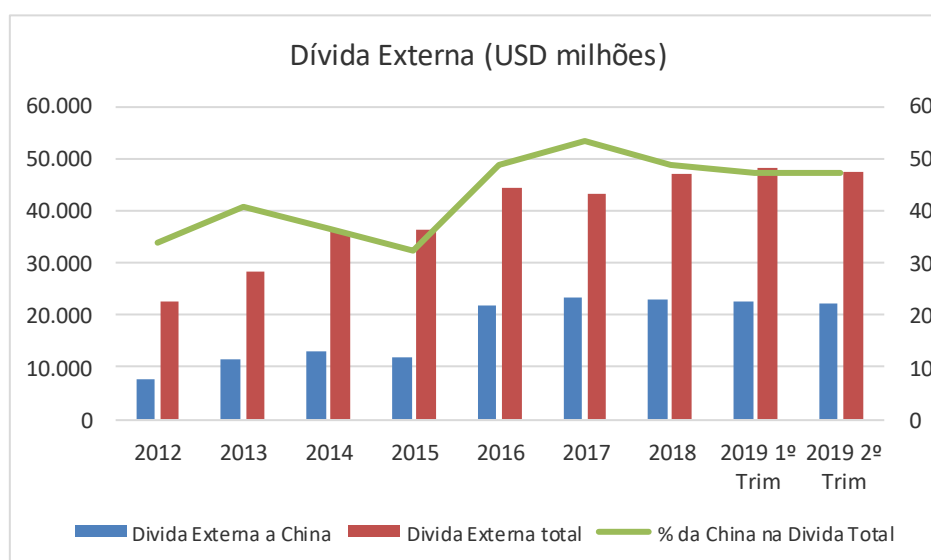
Em 2018 as receitas de exportações de Angola foram 14 vezes superiores aos valores de importações vindas da China, no primeiro semestre de 2019 12 vezes, tornando assim positivo o saldo comercial a favor de Angola.

É importante lembrar que as relações comerciais entre os dois países são caracterizadas, usando os termos da economia internacional, como sendo inter-ramos. Angola vende à China matéria-prima, o petróleo bruto, e a China vende a Angola produtos industriais acabados com maior valor agregado.

Para que no longo prazo as relações sejam duradoras e saudáveis é indispensável que Angola venha também a exportar para a China produtos industriais acabados com maior valor agregado e não somente o petróleo e madeira em toros. Para tal a China poderia ajudar Angola a desenvolver a sua capacidade industrial no sentido de produzir bens que sejam exportáveis, tendo em consideração a conceituada experiência chinesa.

A China ocupa um papel fundamental na economia angolana, por ser o principal parceiro comercial e o principal e maior credor externo do Estado.

Até o segundo trimestre de 2019, o stock de dívida total de Angola com a China estava avaliada em USD 22 441 milhões, representando 47% do total da dívida externa. Comparando com o primeiro trimestre de 2019, em que a dívida era de USD 22 793 milhões (47% do total), nota-se uma redução da dívida em USD 382 milhões e em relação ao final de 2018, uma redução de USD 500 milhões, o que demonstra que Angola está a cumprir com o serviço da dívida.



Fonte: BNA

Agora é crucial que estes empréstimos estejam a ser aplicados em sectores que garantam o aumento da produtividade e competitividade da economia nacional de modo que venham a gerar retornos que permitam fazer face ao serviço da dívida.

A economia angolana está neste momento a atravessar a fase mais crítica da sua história recente, com quatro recessões sucessivas em 2016-2019. Precisa de investimentos para impulsionar a actividade económica e garantir a geração de emprego para mais de 4,1 milhões de pessoas que estão desempregadas (representando uma taxa de desemprego de 30,7%)<sup>6</sup>.

Da mesma forma que logo após o fim da guerra civil a China se mostrou disponível para financiar o processo de reconstrução nacional, as evidências mostram que está de

<sup>6</sup> INE, INDICADORES DE EMPREGO E DESEMPREGO INQUÉRITO ao EMPREGO EM ANGOLA, Folha de Informação Rápida III Trimestre 2019 (Outubro)



igual modo disponível hoje para ajudar o país a sair da situação em que se encontra. As 8 acções propostas pelo Presidente Xi Jinping no âmbito do FOCAC visam o desenvolvimento dos países africanos e Angola poderia aproveitar tais recursos. Mais uma vez reiteramos que nessa nova fase de cooperação é indispensável o envolvimento, por parte do Governo angolano, do empresariado privado nacional para que se beneficie dos recursos e para que sejam aplicados em projectos rentáveis económica e financeiramente de modo a gerar rendimentos suficientes para a economia nacional.

Tendo em conta a estratégia do Governo Chinês e particularmente do Banco Popular da China em internacionalizar a moeda chinesa (renminbi chinês (RMB)) e tendo em consideração que a mesma já faz parte do cesto de moedas convertíveis dos direitos especiais de saque (SDRs) do FMI<sup>7</sup> desde 2015, e considerando ainda o volume de trocas comerciais entre os dois países justifica-se a possibilidade de existir um acordo de conversão monetária, de modo que os agentes económicos passem a utilizar as respectivas moedas, ao invés das principais moedas (USD e Euro), nas transacções comerciais. Os dois Governos, em conjunto com os respectivos Bancos Centrais, devem estudar a melhor forma de implementar tal acordo de modo a gerar benefícios mútuos entre as partes.

Tal como Portugal, Angola pode também pensar em emitir eurobonds em RMB em virtude da enorme poupança que a China tem e das fortes relações económicas e comerciais existente entre os dois países. E a presença em Angola da Sucursal do Bank of China, o banco comercial chinês mais globalizado, em Luanda desde 2017, pode facilitar o processo.

#### Um caso de sucesso de investimento privado chinês na Agricultura no Huambo

Dados da AIPEX<sup>8</sup> revelam que a China está a liderar o conjunto de países que apresenta propostas de investimento em Angola. Esta informação pode evidenciar que a classe empresarial privada chinesa está interessada em investir no país e vê Angola como um mercado com futuro, tendo em conta a sua posição na região da SADC. Mesmo alguns empresários chineses que já operam no país no sector da construção civil estão a investir em outros sectores como o da agricultura e da indústria transformadora, como o caso do grupo Guangde International<sup>9</sup> e a empresa JiangZhou Agricultura LDA No Huambo.

**O projecto agrícola integrado JiangZhou** resulta de um espírito empreendedor e de uma sábia estratégia empresarial de integração horizontal. O promotor do negócio começou a operar no sector da construção civil por meio da empresa de direito angolano Dajiang Construction em 2009. Dentre outras obras participou na construção

---

<sup>7</sup> O valor do SDR é baseado em uma cesta de cinco moedas- o dólar dos EUA (41,73%), o Euro (30,93%), o Renminbi Chinês (10,92%), o Iene Japonês (8,33%) e a Libra Esterlina Britânica (8,09%).

<sup>8</sup><http://jornaldeangola.sapo.ao/economia/propostas-de-investimentos-no-pais-atingem-os-750-milhoes-de-dolares>

<sup>9</sup> As actividades desta empresa foram apresentadas no relatório do I Semestre publicado em Agosto de 2019

da centralidade do Kilamba em Luanda e na construção de duas fazendas agrícolas públicas no Kuimba, no Zaire, e em Camacupa no Bié, que estavam avaliadas em cerca de USD 110 milhões e que depois foram entregues à gestão do Fundo Soberano.

Com o fraco crescimento do sector da construção no país, em 2016 a empresa decidiu operar no sector agrícola investindo na construção de uma fazenda na localidade do Sachitembo, comuna do Sambo, município Chicala-Choloanga na província do Huambo.

Até ao momento já investiu USD 15 milhões numa área total cultivada de 4500 hectares e gerando cerca de 50 postos de trabalho permanentes à comunidade local e 180 temporários na época do plantio e da colheita.

A Fazenda conta com 4 silos com uma capacidade de armazenamento de 1500 toneladas de cereais cada, e usa 3 grupos geradores de 100, 200 e 400 Kh cada e tem um perímetro irrigado de 300 hectares.

Para garantir a sustentabilidade em termos de mão-de-obra qualificada, enviou 10 jovens locais à China para formação em agronomia, pois o projecto usa a ciência e a tecnologia moderna para uma maior produtividade do solo. Há um centro de formação que garante a capacitação *on Job* dos técnicos locais.

O quadro abaixo apresenta os principais produtos e a respectiva área cultivada até ao momento.

Tabela 1: Produtos cultivados e a respectiva produtividade

Produto	Área cultivada (hectares)	Produtividade da JiangZhou Agricultura LDA Huambo (Ton/Ha)	Produtividade Média Agricultura Empresarial em Angola (Ton/Ha)	Produtividade Média Agricultura Familiar em Angola (Ton/Ha)
Milho	1500	6	2,36	0,93
Soja	300	2	0,91	0,97
Sisal	200	1,2	-	-
Arroz	30	6	1,78	1,03
Batata rena	10	45	10,52	5,57
Amendoim	10	-	0,74	0,67

A produtividade que a JiangZhou apresenta, em todas as culturas, está muito acima da média nacional. Por exemplo, no caso do milho a média nacional é de cerca de 2,5 ton/ha, do arroz 1,25 ton/ha, da soja 0,6 ton/ha e da batata-rena 13 ton/ha<sup>10</sup>. O facto

<sup>10</sup> Cf CEIC-UCAN Relatório Económico de Angola 2018, página 142.

de usar a ciência e a tecnologia agrícola moderna diferencia esta fazenda das demais em toda a província do Huambo, que por sinal é a maior que existe.

A fazenda tem ainda como objectivo a criação de sementes agrícolas para comercialização, pois o país importa boa parte das sementes dos principais cultivos. O projecto contempla também a criação de suínos e de outros animais para o abate.

Apesar dos sucessos apresentados acima, a JiangZhou Agricultura enfrenta grandes dificuldades, que se resolvidas, poderão aumentar ainda mais a performance da fazenda. E os principais desafios (OU DIFICULDADES) são:

**Falta de electricidade.** A fazenda utiliza três grupos geradores, que funcionam 24 horas de forma alternada, consumindo mais de 35 mil litros de combustível todos os meses, o que aumenta os custos de produção. Mesmo sendo do sector agrícola, não beneficia de nenhum subsídio aos combustíveis a que em princípio os agricultores deveriam ter acesso.

**Estrada não pavimentada.** A via que dá para Sachitembo, que por sinal é interprovincial pois liga o Huambo à Huíla, não está asfaltada. A viagem que poderia durar 20 a 30 minutos, devido às más condições da estrada, leva mais de uma hora.

**Incerteza governativa.** Desde que o projecto foi implementado em meados de 2016, a Província já teve 3 Governadores e o Município 3 administradores. Isso faz com que os processos remetidos para a solicitação de autorização e licença, se percam, obrigando o investidor a remeter os mesmos documentos vez após vez o que cansa e desmotiva. É importante que se garanta estabilidade política ao nível da governação local. Deve-se ter muito cuidado ao se decidir desfazer os contratos celebrados pelos governantes anteriores, pois em muitos casos sinaliza falta de coerência gerando incerteza quanto à validade dos contratos futuros.

**Roubo e Furto.** A fazenda tem sido alvo de roubos consideráveis por parte da população que aproveita a calada da noite para furtar milho e outras culturas. Não o fazem para autoconsumo, mas sim para comercializar no mercado. Em média 500 toneladas de milho são roubadas por ano, o que é considerável. As autoridades locais têm conhecimento da situação mas até ao momento o problema persiste.

**Conflito de terras.** Apesar de a empresa ter o direito legal de exploração de 5 mil hectares, não tem conseguido explorá-los plenamente devido a algumas famílias que ocupam pequenos espaços e que não estão dispostas a negociar e nem tão pouco têm capacidade de rentabilizar os terrenos que ocupam. Há necessidade de se resolverem esses conflitos com as comunidades, pois caso contrário desincentivam-se novos investimentos.

## Um caso de sucesso de investimento privado chinês Guangde International Group

A primeira iniciativa diz que o Governo chinês irá incentivar os empresários a direcionarem os seus investimentos em África. Em Angola já há empresários chineses que estão a realizar investimentos no sector do comércio, construção civil e na pequena indústria e na agricultura.

O Guangde International Group, LDA, que já investiu no país mais de USD 230 milhões, é um exemplo de investimentos privados chineses que está a gerar emprego e contribuir para o aumento da produção nacional, da substituição de importações e aumento das exportações do sector não mineral. Este grupo é o dono dos shoppings VIDA GUDE, que vende diversos produtos, incluindo mobílias que eles próprios fabricam em Angola, na Fábrica de mobília. O shopping emprega cerca de 200 nacionais e boa parte deles inscritos na Segurança Social.

Guangde Internacional Group, LDA tem em funcionamento 11 unidades fabris em Luanda, empregando 1 185 angolanos oriundos de várias províncias. Tendo em conta os empregos gerados nos shoppings VIDA GUDE, o número total sobe para 1 385. Com a entrada em funcionamento da fábrica de baterias, que vai empregar 400 nacionais e 50 chineses, o número total de empregos directos gerados pelo grupo aumenta para 1 785 nacionais.

**A fábrica de baterias** vai produzir não só para o mercado nacional, mas essencialmente para exportar para a região da SADC, o que vai contribuir no aumento das exportações e gerar moeda estrangeira para o país. A unidade começou a produzir em regime experimental no dia 12 de Setembro de 2019, como uma produção diária de 1 350 baterias mas espera-se atingir a capacidade de 5 mil baterias por dia até o final do primeiro semestre de 2020, quando todos os equipamentos estiverem sido montados. Até ao momento foram produzidas 120 mil baterias, dos quais mais de 65% já foi comercializados no mercado interno.

**As fábricas de mobília e os sofás** usam a madeira nacional em toro, que depois de processada é transformada em mobílias e contraplacados e os refugos para a fábrica de caixas de papel. Parte da mobília já está a ser exportada para o Congo Democrático e para Namíbia.

Tabela 2. Unidades fabris da Guangde International Group, LDA

Unidade Fabril	Produtos e modelo	Produção diária
Fábrica de Chapa	0.28 0.30 0.35 0.4 0.45 0.5 0.6	50 mil metros
Fábrica de Colchão	Solteiro, casal e king size	26 jogo*600pcs – 1000 pcs
Fabrica de Manilha	DN300*2000 DN400*2000 DN500*2000	60pcs
Fábrica de Esponja	12# 16# 18# 20# 30# 40#	50 mil m3
Fábrica de Mobiliário	Mesa cadeira cama estante rack roupeiro	300 jogos
Fábrica de Contraplacado	18 cm 15 cm 12 cm 9cm 7cm 5cm	20jogos*5000pcs

Fábrica de esferovite	Caixas térmicas	10 mil
Fábrica de Sofá	Cabedal, pano e tecido	30 Jogos*50pcs
Fábrica de caixa de papel	Caixa de peixe, ovo, água, mobília	100 mil
Fábrica de Blocos	12# 16#, lancil, pavimento	300 mil pcs
Fazenda	Vegetais, hortaliças, galinhas, porcos	2 mil kg
Fábrica de Baterias	Todos os modelos e tamanhos	6 a 10 mil pcs

**A fazenda** produz alimentos que serve para abastecer o refeitório geral e todos os trabalhadores nacionais e chineses alimentam-se dos produtos que vem dela. A produção não é destinada a venda, mas sim para o consumo dos funcionários das unidades fabris do grupo.

Apesar de todos os investimentos que já realizaram e o número de empregos gerados, ficamos a saber que o grupo não tem benefícios fiscais e paga direitos aduaneiros na importação da matéria-prima e outros materiais (não produzida no país), que usa na produção, o que onera ainda mais a produção nacional. Há uma toda necessidade de se garantir que iniciativas como estas tenham isenção total na importação de matéria-prima de não produção local, para garantir a competitividade dos produtos nacionais em relação aos importados.

Tivemos a oportunidade de visitar as unidades fabris e ficamos surpreendidos pela positivo a forma de organização, a higiene e a localização de cada unidade no campo. A empresa queixa-se da fiscalização demasiada de vários organismos do Governo, que ao invés de fiscalizar e sugerir melhorias, só o fazem com objectivo único de multar e cobrar “gasosa”.

Os empresários chineses tem sido alvos de roubos por marginais e sentem-se inseguros. Isso pode diminuir a vontade e a disposição de outros investidores que desejam apostar no mercado nacional. É necessário que se garanta segurança pública e jurídica destes homens e mulheres de negócio que estão dispostas a produzir no país.

### 3.- Breve descrição da Cimeira China-África

O Fórum de Cooperação China-África é o principal mecanismo de diálogo entre os países africanos e a China que remonta desde a primeira Conferência ministerial realizada em Beijing em Outubro de 2000, com a presença de 44 países africanos. Em 2006, aquando da realização da terceira conferência ministerial, também em Beijing, organizou-se pela primeira vez a Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo. Em 2015, em Joanesburgo, Africa do Sul, ocorreu a segunda Cimeira.

Na terceira Cimeira dos chefes de Estado e de Governo do Fórum de Cooperação China - Africa (FOCAC, em inglês) realizada em Beijing em Setembro de 2018, o Presidente Xi Jinping anunciou a realização por parte da China de oito iniciativas que visam o desenvolvimento do continente Africano para o período 2019-2021.

Segundo Xi Jinping “desde a cimeira de Joanesburgo do FOCAC em 2015, a China implementou integralmente os dez planos de cooperação adoptados na Cimeira. Um grande número de projectos de infra-estruturas ferroviárias, rodoviárias, aeroportuárias, portuárias e outras, bem como uma série de zonas de cooperação económica e comercial foram construídos ou estão em construção. A nossa cooperação em paz e segurança, ciência, educação, cultura, saúde, redução da pobreza e interações interpessoais se aprofundou. O financiamento de USD 60 mil milhões prometido pela China foi entregue ou providenciado. Para construir uma comunidade China-África ainda mais próxima, com um futuro compartilhado na nova era, a China lançará oito grandes iniciativas em estreita colaboração com os países africanos nos próximos três anos, com base nos dez planos de cooperação já adotados”<sup>11</sup>.

As iniciativas são as seguintes:

1. Promoção industrial e agrícola
2. Conectividade de infra-estruturas
3. Facilitação do comércio
4. Desenvolvimento verde ou ecológico
5. Capacitação de quadros e técnicos
6. Cuidados de saúde
7. Intercâmbio entre pessoas (interação do povo chinês e africano por meio da cultura, desporto e ciência)
8. Paz e segurança

Se olharmos de perto para as iniciativas propostas pela China, nota-se que em geral é o que o Continente precisa para poder alcançar melhores níveis de desenvolvimento económico e social.

O sucesso na implementação daquelas oito iniciativas depende não só da disponibilização dos recursos por parte da China e da sua boa vontade de ver o

---

<sup>11</sup> Discurso de abertura proferido pelo Presidente Xi Jinping no dia 3 de Setembro de 2018 em Beijing

continente desenvolvido, mas também do engajamento, envolvimento e comprometimento dos países africanos.

Como já decorreram 13 meses depois da Cimeira e do anúncio destas acções a questão importante a analisar refere-se ao seu cumprimento e ao engajamento dos países africanos. Utilização dos fundos e comprometimento político, não sendo a mesma coisa, são, no entanto, faces da mesma moeda para o sucesso dos programas e acções. No caso especial de Angola será que os departamentos ministeriais relacionados a cada uma das iniciativas conhecem-nas? Se sim, o que estão a fazer para envolver o sector privado?

Para a concretização plena e eficiente destas iniciativas é crucial a participação do sector privado nacional. Se a China associa o seu sector privado na implementação deste programa de cooperação, os países africanos também o deverão fazer, numa convergência profícua entre o privado e o público e no respeito pelas propostas programáticas contidas nos planos de desenvolvimento

O que se quer alcançar com cada uma das iniciativas? Para uma melhor compreensão vamos apresentar e analisar resumidamente cada iniciativa.

#### **4.- Acompanhamento da implementação das 8 iniciativas**

##### **1. Promoção industrial e agrícola**

O Senhor vice-ministro do Comércio da China, Qian Keming, aquando da sua visita a Luanda em Novembro de 2019 reconheceu que “há, cada vez mais, interesse das empresas chinesas em querer investir na agricultura em Angola.” Isto é notável pois algumas empresas chinesas que operavam no sector de construção agora estão a investir seriamente na agricultura como é o caso da Jiangzhou Agriculture, Lda que foi criada pela Dajiang Construction Co. Lda conjuntamente com a Jiangsu Jiangzhou Co. Lda com um investimento de USD 12 milhões na província do Huambo onde produz entre outros produtos o arroz e o milho.

Por sua vez o Embaixador da China em Angola, Gong Tao, numa entrevista ao Jornal de Angola, aquando da realização da Expo Industria na Zona Económica Especial em Outubro de 2019 afirmou que “a China, que é o maior produtor industrial do mundo, atribui importância fundamental à cooperação com Angola na área da indústria” e realçou ainda que “muitas empresas chinesas têm já sentido os efeitos positivos dos investimentos que fizeram, o que é bom para incentivar ou encorajar outros investidores a optarem pelo mercado angolano”<sup>12</sup>

Os países africanos precisam da industrialização para que deixem de ser exportadores líquidos de matéria-prima e passem a ser exportadores de produtos com maior valor agregado, como é o caso dos produtos industriais. A média do peso do

---

<sup>12</sup> <http://jornaldeangola.sapo.ao/economia/china-garante-atrair-mais-investidores-para-angola>

sector industrial no PIB em África é de cerca de 10%, de acordo com a UNIDO<sup>13</sup>, o que contrasta com a Europa (15%), América Latina (13%), Ásia (22%) e a própria China (30%).

Neste sentido a China pretende encorajar empresas chinesas a aumentar os investimentos em África, construir e modernizar zonas industriais e de promoção de comércio, implementar 50 programas de assistência agrícola para modernizar o sector e ajudar a alcançar a segurança alimentar até 2030. Há ainda a pretensão de enviar para o continente 500 peritos seniores em agricultura para formar jovens investigadores africanos em agro-ciência e empreendedorismos em agro-negócios.

Para a promoção industrial e agrícola vai ser usado o fundo para o desenvolvimento China-África e o Fundo para cooperação industrial e criar empréstimos especiais para o desenvolvimento das pequenas e médias empresas em África.

## 2. Conectividade de infra-estruturas

A China já investiu milhões de dólares na construção de infraestruturas em todo o país em estradas, linhas de caminho-de-ferro, etc. Recentemente, no final de Dezembro de 2019 a empresa chinesa Sinotrans Angola fez a entrega de 60 vagões de carga ao Caminho de Ferro de Benguela (CFB) que foram produzidos na China. Segundo o Director Adjunto Tchum Long Ning, a empresa já investiu mais de USD 30 milhões em Angola nos últimos 11 anos e pretende construir em Luanda um armazém de apoio logístico às demais províncias.

Por sua vez, o director-geral adjunto do Instituto Nacional dos Caminhos de Ferro de Angola (INCF), Ottoniel Manuel, afirmou que a chegada dos primeiros 60 vagões enquadra-se no Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN) que prevê, até 2022, a aquisição de uma quantidade considerável de equipamentos circulantes<sup>14</sup>. O caminho-de-ferro de Benguela insere-se no chamado Corredor do Lobito, que começa no Porto de Lobito e vai até a Zâmbia e a Democrática República do Congo (RDC) e constitui uma infra-estrutura importante para a integração da região da SADC.

África é o Continente com a mais baixa inter-conectividade de infraestruturas ao nível de transportes, electricidade e telecomunicações. A União Africana está ciente deste facto e lançou, em conjunto com o Banco Africano de Desenvolvimento, um ambicioso Programa de Desenvolvimento de Infraestruturas em África (PIDA- Program for Infrastructure Development in Africa 2012-2040). Neste programa identificou-se que o the African Regional Transport Infrastructure Network (ARTIN) apresenta um custo de ineficiência económica avaliado em USD 172 mil milhões, devido ao mau funcionamento da rede rodoviária e do sistema de transporte aéreo, bem como aos elevados custos associados.

<sup>13</sup> <http://stat.unido.org/country-profile/economics/CHN> (3 de Junho 2019)

<sup>14</sup> [http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/economia/2019/11/52/Sinotrans-investe-mais-USD-milhoes-Angola,fcd929f8-f21a-4bcb-8b1e-581f2c5d2aff.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/economia/2019/11/52/Sinotrans-investe-mais-USD-milhoes-Angola,fcd929f8-f21a-4bcb-8b1e-581f2c5d2aff.html)



O PIDA integra os sectores de Energia, Transporte, Telecomunicações e ICT, sistema transfronteiriço de Água, ligando as principais cidades do Continente, aproveitando as comunidades económicas regionais. Este programa terá um custo total previsto até 2040 de cerca de USD 360 mil milhões. Os países membros irão cofinanciar, integrando o sector privado.

A China vai cooperar com a União Africana no sentido de apoiar o seu plano continental de infraestruturas, incentivando as empresas chinesas a participarem no desenvolvimento de infraestruturas no Continente usando a modalidade de investimento-construção e operacionalização, ou outros modelos convenientes entre as partes. O foco será na energia, nos transportes, telecomunicações e ICT e no aproveitamento de recursos hídricos transfronteiriços. O desenvolvimento do mercado aéreo único continental (Single African Air Transport Market) com a abertura de mais voos directos entre a África e a China será uma outra aposta desta iniciativa. Para isso the Asian Infrastructure Investment Bank, the New Development Bank, and the Silk Road Fund serão mobilizados para financiar os projectos.

### 3. Facilitação do Comércio

No âmbito desta iniciativa uma delegação de Angola chefiada pelo Senhor Ministro do Comércio Joffre Van-Dúnem Júnior esteve presente na segunda edição da Feira Internacional de Importação e Exportação da China que se realizou em Shangai de 4 a 10 de Novembro de 2019 com a participação de mais de 60 empresários angolanos. No seu todo, segundo o Jornal de Angola<sup>15</sup>, a delegação angolana foi composta por cerca de 120 pessoas, entre membros do Executivo (Secretário de Estado das Pescas, administradores de Institutos Públicos, directores e técnicos de diferentes departamentos governamentais), empresários e homens de cultura, e também participou na semana de intercâmbio cultural e no Fórum de Cooperação Económica e Comercial China-África.

No discurso de abertura, segundo a Angop<sup>16</sup>, o ministro afirmou que na “nova Angola o paradigma é que o sector privado seja a força motriz do desenvolvimento, da diversificação económica, gerando investimentos para a transformação produtiva e a geração de empregos que melhorem a vida de todas as pessoas”.

A China tem sido essencialmente importadora de produtos de base e matéria-prima dos países africanos, mas no âmbito desta iniciativa quer aumentar as importações de produtos acabados. Além da política de tarifa zero praticada já há alguns anos, foi promovida a Feira Internacional de Importações na China no final do ano 2018, onde os países participaram para exhibir os seus produtos. Em junho de 2019 foi criada a Exposição Económica-Comercial China/África, na qual Angola participou

---

<sup>15</sup> <http://jornaldeangola.sapo.ao/economia/empresarios-angolanos-participam-em-feira-de-negocios-na-china>

<sup>16</sup> [http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/economia/2019/10/45/Angola-abre-forum-sobre-investimento-Shanghai\\_da45ef02-1d2b-4550-8eeb-91fd299890ef.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/economia/2019/10/45/Angola-abre-forum-sobre-investimento-Shanghai_da45ef02-1d2b-4550-8eeb-91fd299890ef.html)

como país convidado de honra. Perspectiva-se implementar 50 programas de facilitação do comércio no Continente. Pretende-se ainda apoiar a Zona Continental de Comércio Livre que os países africanos estão a implementar.

#### 4. Desenvolvimento verde ou ecológico

Neste eixo, a China pretende promover 50 projectos que visam o desenvolvimento verde e a protecção ecológica e ambiental em África. Ainda estabelecer intercâmbios e a cooperação sobre a mudança climática, os oceanos, a prevenção e controlo da desertificação e a protecção da vida selvagem. Será criado um Centro de Cooperação Ambiental China-África, conduzindo pesquisas conjuntas sobre questões ambientais. Será ainda fundado um Centro de Bamboo China – África para ajudar a produzir produtos deste material.

#### 5. Capacitação de quadros e técnicos

Desde 2015 a China já disponibilizou mais de 700 bolsas de estudo para a formação de angolanos em diversas áreas do saber como agronomia, engenharia e tecnologias da informação. De acordo com Ministro Conselheiro da Embaixada da China em Angola, Li Bin, citado pelo Jornal de Angola, a China forma anualmente mais de 200 estudantes angolanos com a atribuição de bolsas de estudo.

É verdade que África deverá seguir o seu próprio caminho de desenvolvimento mas aprendendo com os que já trilharam o mesmo caminho será mais fácil. Neste sentido a China compartilhará mais de suas práticas de desenvolvimento com a África. Dez “Luban Workshops” serão instalados em África para fornecer treino vocacional para jovens africanos. A China apoiará a abertura de um Centro de Cooperação em Inovação China-África para promover a inovação e o empreendedorismo dos jovens. A China fornecerá à África 50.000 bolsas de estudo do Governo e 50.000 oportunidades de treino para seminários e workshops e convidará 2.000 jovens africanos para visitar a China em busca de intercâmbios. Mas é importante que tais bolsas estejam disponíveis não só para o sector público mas também para o sector privado.

#### 6. Cuidados de saúde

Pretende-se implementar e actualizar 50 programas de assistência médica para o Continente e apoiar o Centro Africano de Controlo e Prevenção de Doenças e a construção de hospitais de amizade China-África. A China vai formar mais médicos especialistas para trabalharem em África e enviar mais equipas médicas para atender às necessidades da população.

#### 7. Intercâmbio entre pessoas (interacção do povo chinês e africano por meio da cultura, desporto e ciência)

Para melhorar o intercâmbio com África, a China estabeleceu um Instituto de Estudos Africanos e pretende actualizar e implementar o plano conjunto de pesquisa e intercâmbio. As Universidades africanas que estejam à altura poderão albergar ou sediar Institutos Confúcio. No âmbito da cultura e do desporto, serão realizados 50 eventos culturais, desportivos e turísticos conjuntos. A Silk Road International League

of Theaters, a Silk Road International Museum Alliance e a Network of Silk Road Art Festival estão abertos para receber africanos para participar e exibir as suas actividades culturais e artísticas. Grupos turísticos chineses serão incentivados a escolher países africanos como destino turístico.

## 8. Paz e Segurança

A China decidiu criar um Fundo de Paz e Segurança China-África para impulsionar a cooperação em paz, segurança e manutenção da ordem. A China continuará a prestar ajuda militar à UA e a apoiar os países da região do Sahel e os que fazem fronteira com o Golfo de Aden e o Golfo da Guiné na defesa e segurança e combate ao terrorismo.

Cinquenta programas de assistência de segurança serão lançados para promover a cooperação China-África sob a iniciativa Rota da Seda, e em áreas de manutenção da ordem, missões de paz da ONU, combate à pirataria e combate ao terrorismo.

## Financiamento

Para garantir a implementação destas oito iniciativas, a China disponibilizará USD 60 mil milhões de financiamento em forma de assistência governamental, assim como investimento e financiamento por instituições financeiras e empresas. Incluirá USD 15 mil milhões em doações, empréstimos sem juros e empréstimos concessionais; USD 20 mil milhões em linhas de crédito; criação de um fundo especial de USD 10 mil milhões para financiamento do desenvolvimento e um fundo especial de USD 5 mil milhões para financiar importações de África. As empresas chinesas serão ainda encorajadas a fazerem pelo menos USD 10 mil milhões em investimentos no Continente nos próximos três anos.

## 5.- Principais eixos do Plano de Desenvolvimento Nacional e Relação entre as iniciativas

Até que ponto as oito iniciativas estão em harmonia com os objectivos estabelecidos no Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN 2018-2022)?

No relatório do primeiro semestre publicado em Agosto de 2019, o CEIC demonstrou que as 8 acções estão em harmonia com os 6 eixos de desenvolvimento prioritários estabelecidos no Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN 2018-2022). O Governo de Angola reconhece, na pessoa do Senhor Secretário de Estado para a Cooperação Internacional e Comunidades Angolanas do Ministério das Relações Exteriores, Domingos Custódio Vieira Lopes, que “há interligação ” entre as 8 acções propostas pela China e o que está estabelecido no PDN 2018-2022

Os principais objectivos de desenvolvimento económico e social de Angola de médio prazo estão espelhados no PDN 2018-2022 elaborado pelo novo Governo que saiu das

eleições de 2017, liderado pelo Presidente João Lourenço. Este documento foi produzido em harmonia com os compromissos assumidos ao nível da União Africana, com a Agenda 2063, e ao nível das Nações Unidas, com a Agenda 2030 dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.

Os objectivos de desenvolvimento definidos no PDN estão agrupados em seis eixos de desenvolvimento prioritários: 1) Desenvolvimento Humano e Bem – Estar; 2) Desenvolvimento Económico Sustentável, Diversificado e Inclusivo; 3) Infraestruturas Necessárias ao Desenvolvimento; 4) Consolidação da Paz, Reforço do Estado Democrático e de Direito, Boa Governança, Reforma do Estado e Descentralização; 5) Desenvolvimento Harmonioso do Território; 6) Garantia da Estabilidade e Integridade Territorial de Angola e Reforço do seu papel no contexto regional e internacional.

## **6.- Conclusões e recomendações**

A cooperação com a China, permitiu a Angola captar recursos financeiros consideráveis que financiaram grande parte das infraestruturas a nível nacional, apesar de existência de contestação de qualidade em alguns projectos, não se pode negar que o país beneficiou muito dum modo geral. Esta cooperação ainda permitiu a vinda de empresários chineses com disposição em investir no aumento da produção nacional e na geração de emprego, como é o caso do Guangde International Group em Luanda e da JiangZhou Agricultura LDA no Huambo.

### **6.1. Conclusões da análise das 8 iniciativas**

- a) Trata-se de um enorme e abrangente programa de cooperação com a África, elegendo sectores de importância estratégica para o desenvolvimento do Continente.
- b) As oito iniciativas são importantes e estão em harmonia com os objectivos que Angola definiu no seu Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN 2018-2022).
- c) Tendo em conta que Angola precisa de fundos para a realização dos objectivos definidos e que a China tem recursos para financiar as 8 acções, a conciliação dos objectivos pode propiciar a alocação dos fundos.

### **6.2 Recomendações Gerais**

- a) É importante que se aproveita a linha de financiamento dos USD 60 mil milhões, pois Angola precisa de fundos. Mas parece que até ao momento, o país ainda não apresentou projectos para serem financiados, enquanto os outros países africanos já o fizeram. Não se pode perder a oportunidade de se financiar a custos reduzidos e com prazos bem dilatados.
- b) Há um número notável de empresários chineses a investir em Angola em diversos sectores de actividade económica, em especial no sector do comércio e da construção civil. No âmbito das relações bilaterais é importante que sejam

atraídos para Angola empresários chineses para o sector industrial e agrícola com as devidas capacidades para produzir não só para o mercado interno, mas também para a exportação, contribuindo assim para o aumento das exportações não minerais de Angola. Por sua vez o Governo angolano deve garantir a segurança e bom ambiente de negócios para todos os investidores.

- c) Tendo em conta a estratégia do Governo Chinês e particularmente do Banco Popular da China em internacionalizar a moeda chinesa - Renminbi Chinês (RMB) e tendo em consideração que a mesma já faz parte do cesto de moedas convertíveis dos direitos especiais de saque (SDRs) do FMI desde 2015, e considerando o volume de trocas comerciais entre os dois países justifica a possibilidade de existir um acordo de conversão monetária, de modo que os agentes económicos passem a utilizar as respectivas moedas, ao invés das principais moedas (USD e Euro), nas transações comerciais.
- d) Tal como Portugal, Angola pode também pensar em emitir eurobonds em RMB em virtude da enorme poupança que a China tem e das fortes relações económicas e comerciais existentes entre os dois países. E a presença em Angola da Sucursal do Bank of China, o banco comercial chinês mais globalizado, em Luanda desde 2017, pode facilitar o processo.

**CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE ANGOLA**

AVENIDA PEDRO DE CASTRO VAN DÚNEM LOY 24, BAIRRO PALANCA, MUNICÍPIO DO KILAMBA-KIAXI,  
CAIXA POSTAL 2064, LUANDA, ANGOLA

TEL: +244 922 280 541

ADMINISTRATION@CEIC-UCAN.ORG

WWW.CEIC-UCAN.ORG

**CONTACTOS DE REFERÊNCIA**

Alves da Rocha  
Tel: (+244) 917 465 196  
[alvesdarocha@ceic-ucan.org](mailto:alvesdarocha@ceic-ucan.org)  
[joserocha.ucan@gmail.com](mailto:joserocha.ucan@gmail.com)

Carlos Vaz  
Tel: (+244) 937 506 765  
[Carlosvaz@ceic-ucan.org](mailto:Carlosvaz@ceic-ucan.org)

Francisco Paulo  
Tel: (+244) 991 486 890  
[franciscopaulo@ceic-ucan.org](mailto:franciscopaulo@ceic-ucan.org)

Precioso Domingos  
Tel: (+244) 923 619 430  
[preciosodomingos@ceic-ucan.org](mailto:preciosodomingos@ceic-ucan.org)

Regina Santos  
Tel: (+244) 917 67 29 63  
[reginasantos@ceic-ucan.org](mailto:reginasantos@ceic-ucan.org)